

A Recepção de Émile Durkheim nas Primeiras Obras de Florestan Fernandes (Décadas de 1940 e 1950).

Avanço de investigação em curso.
GT 17 – Pensamento lation-americano e teoria social.
Autor: José Benevides Queiroz

RESUMO:

A recepção de Émile Durkheim no Brasil permitiu estabelecer entre nós quase que um consenso em torno da sociologia daquele autor, que comumente é definida como conservadora, que compreende a vida social de maneira estática, que é fundamentada e identificada com o método funcionalista, etc. Para compreendermos como aconteceu semelhante recepção, a presente pesquisa tem por objeto as primeiras obras de Florestan Fernandes. Estas expressam o momento e o modo que se deu a formação do sociólogo paulista, sendo este um dos marcos do início da moderna sociologia brasileira. Além disso, essas obras seminais e seu autor influenciaram fortemente as gerações de sociólogos seguintes, estas como ele responsáveis pela concepção hegemônica que foi forjada sobre o pensador francês.

Palavras Chaves: Florestan Fernandes, Émile Durkheim, Sociologia Brasileira.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o tratamento dispensado a Émile Durkheim produziu uma *doxa* sobre sua obra: é um instrumento da ordem burguesa. Para este consenso, todos os aspectos presentes em sua sociologia – da sua herança filosófica, passando pelos seus fundamentos teóricos, indo até a formulação de seu método sociológico ou da tese sobre a divisão do trabalho até aos estudos da religião - corroboram e reforçam esta interpretação. Conquanto ausente das primeiras obras de Florestan Fernandes, momento de sua formação, esta interpretação do sociólogo francês tornou-se recorrente a partir da segunda metade da década de 1950. *Pari passu*, uma geração de sociólogos brasileiros, particularmente a formada e influenciada por Florestan Fernandes e que foi decisiva no surgimento dos novos cursos de graduação e pós-graduação em sociologia por todo país, institucionalizados na década de 1960, parece ter responsabilidade direta na consolidação daquela compreensão sobre Durkheim.

Assim, por exemplo, no livro que organizou com Marialice Foracchi, **Sociologia e Sociedade**, publicado em 1977 e editado até hoje, José de Souza Martins escreveu uma *Introdução* tecendo comentários comparativos entre os clássicos. Neles, mesmo centralizando-os em torno de Marx e Durkheim, ele trata rapidamente de Weber. Isto porque, embora alerte que sejam guardadas as devidas proporções e ressalvadas as peculiaridades, o princípio lógico da integração encontra-se na exposição sociológica do francês e do alemão. Neste, porém, aquele princípio está contido “estritamente no interior de cada tipo ideal articulando racionalmente os seus componentes”, ao passo que Durkheim o emprega "em termos completamente diversos, a começar porque a vida social não é concebida em termos históricos, como realidade qualitativamente diferente da natureza". (Martins, 1992, P. 3). O que origina resultado distinto: enquanto Weber, porque a eficácia metodológica do tipo ideal esgota-se quando “esgota-se a racionalidade da realidade”, tem clareza da singularidade histórica que envolve a produção sociológica, Durkheim, como utiliza o princípio da integração para fundamentar o conceito de solidariedade, compreende a vida social em inércia.

A falta da perspectiva histórica, a concepção natural da sociedade e o conseqüente conservadorismo ficam mais evidentes quando, segundo Martins, Durkheim é confrontado com Marx. Este consegue apreender que a vida social é fruto da atividade humana e que, por isso, não pode ser

comparada nem estudada como se estuda a natureza. Isto propiciou uma compreensão histórica da sociedade, apreendendo a especificidade de cada formação humana. Para isso, segundo Martins, foi imprescindível o uso do princípio da contradição, pois ele é a ferramenta adequada para romper a oposição entre a forma e a essência das relações sociais; se a forma põe e legitima as visões reificadas, a apreensão da essência desmistifica e revela os efetivos fundamentos históricos dessas relações no capitalismo. Contrariamente, por adotar o princípio da integração, a sociologia de Durkheim se atém à forma, fazendo-a reproduzir e expressar a reificação que objetivamente o sistema gera e se legitima. (Martins, 1992, P. 5).

Michael Löwy, em **As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão de Münchhausen**, publicado em 1987 e até recentemente editado, desenvolve uma sociologia do conhecimento e tem como um dos alvos críticos Durkheim. No primeiro capítulo, ele desenvolve o seguinte argumento: enquanto as concepções *da sociedade ser regida por leis naturais, da sociedade ser assimilada epistemologicamente pela natureza e da neutralidade axiológica* eram revolucionárias em Condorcet e Saint-Simon, em Comte e Durkheim tornaram-se conservadoras. Neste último, Löwy afirma que aquelas concepções foram úteis ao capitalismo: a proximidade de sua sociologia da economia política, evidenciada na naturalização da sociedade, fez dela componente do discurso ideológico da nova ordem industrial; sua visão organicista implicou em considerar ilusório interromper a desigualdade social e, conseqüentemente, em aceitar o modelo social darwinista. Nada mais distinto e agindo no sentido contrário ao sindicalismo revolucionário que se desenvolvia na França. Em síntese, segundo Löwy, foi seu método positivista que permitiu “legitimar constantemente, através de argumentos científico-naturais, a ordem (burguesa) estabelecida”. (Löwy, 1987, p. 29).¹

Opiniões semelhantes a essas são facilmente encontradas na sociologia brasileira. A título de exemplo, podemos citar o conhecido livro **O Que É Sociologia?**, de Carlos B. Martins. Este, além de ressaltar que “Durkheim menosprezou a criatividade dos homens no processo histórico”, concebendo-os como seres passivos, afirma que a função de sua sociologia “seria a de detectar e buscar soluções para os “problemas sociais”, restaurando a “normalidade social” e se convertendo dessa forma numa técnica de controle social e de manutenção do poder vigente.” (Martins, 1984, p. 50). Sob orientação semelhante, na introdução que escreve à coletânea de textos do sociólogo francês, José Albertino Rodrigues afirma quase a mesma ideia: “Durkheim, na medida em que desenvolve sua teoria mediante a adoção de conceitos básicos de *coerção, solidariedade, autoridade, representações coletivas, etc.*, está na realidade fundamentalmente preocupado com a manutenção da ordem social.” (Rodrigues, 2008, p. 28).

Enfim, no Brasil, a fixação destas avaliações talvez explique porque estudantes e professores de sociologia identifiquem Durkheim como essencialmente conservador, um pensador da ordem. Ao que parece, tais obras exerceram forte influência nas gerações recentes.

2. OUTRO DURKHEIM

Contudo, se contextualizamos a sociologia durkheimiana na França da segunda metade do século XIX, em particular na IIIª República, verifica-se que há uma relação orgânica entre ela e essa realidade. Podemos ainda constatar que sua obra foi elaborada em sintonia e, às vezes, engajada no processo de transformação daquela sociedade. (Filloux, 1987, p. 13).

Aqui, *en passant*, podemos citar dois exemplos. Um diz respeito ao ativo apoio intelectual à reforma do sistema escolar francês. Desde a admissão em Bordeaux, em 1887, tendo continuado na Sorbonne, a partir de 1902, Durkheim “sempre dedicou, semanalmente, uma hora de aula à pedagogia. Seus ouvintes eram, sobretudo, professores do ensino primário”. (Fauconnet, 1999, p. 11). Outro exemplo foi sua posição no caso Dreyfus. Dentre várias atividades, ele escreveu um artigo alertando

para os perigos que os direitos individuais corriam; tal ameaça colocava em risco até mesmo a realização do preceito *a cada um segundo seu trabalho*. (Durkheim, 1987, p. 277).

Este engajamento não se auto explica. Na verdade, ele ganha sentido se abandonarmos as interpretações de Martins (1992) e Löwy (1987) e o relacionarmos com as concepções do autor sobre a sociedade.

Contrariamente ao que os autores mencionados alegam, Durkheim nunca reduziu a vida social à natureza. Primeiro, porque buscava consolidar a sociologia como ciência, o que requeria enfatizar claramente a especificidade de seu objeto. Segundo, porque identificava a moral como o fundamento da vida social, que se expressa via representações e ações. Consequentemente, ela não pode ser confundida com fenômenos orgânicos. (Durkheim, 1963, p. 5).

Mas, objetar-se-á que Durkheim faz paralelos entre a sociedade e os fenômenos naturais. Na verdade, trata-se de analogias, procedimento encontrado noutros autores. Mesmo assim, alertava sobre seu uso:

a analogia é uma forma legítima de comparação e a comparação é o único meio prático de que dispomos para tornar as coisas inteligíveis. O erro dos sociólogos biólogos não é, pois, tê-la empregado, mas tê-la empregado mal. Eles não quiseram verificar apenas as leis da sociologia pela biologia, mas deduzir aquelas desta última. (Durkheim, 2002, pp. 1/2).

Coerente e em consonância com essa concepção da vida social, Durkheim igualmente compreende possuidora de uma determinação histórica.

Aqui, dentre outros aspectos, podemos destacar dois, que estão estreitamente vinculados, são eles: a importância que economia passou a ter na sociedade moderna e a consolidação da individualidade.

A economia, até fins do século XV e início do seguinte, era secundária e subsumida à lógica de outras dimensões da vida social. No entanto, a partir do século XVII, ela ultrapassou o espaço urbano, tornando-se nacional e internacional. Vastas empresas e negócios constituíram-se, pondo em xeque a regulamentação e a organização adequadas a um mercado que até então era incipiente e restrito. Para Durkheim, desse momento em diante, as indústrias não ficavam mais “limitadas nem a uma cidade, nem mesmo a uma região, mas... procuravam se expandir pelo mundo inteiro” (Durkheim, 1999, p 9), mudando as características da economia.

Esta transformação fez da economia uma dimensão muito importante, repercutindo na dinâmica da sociedade; se no passado ela era relegada ao segundo plano e não preocupava os setores dirigentes, algo diferente passou a ocorrer na modernidade, onde as atividades econômicas são exercidas por grandes contingentes e afetam a totalidade da sociedade. Por isso, Durkheim ressalta: "enquanto que outrora elas [as atividades econômicas] desempenhavam somente um papel secundário, agora assumiram o lugar principal". (Durkheim, 1967, p. IV).

Concomitante e em estreita relação com esta transformação, o processo de individuação ganhou força. Anteriormente, ele só havia se manifestado com o cristianismo, mas no plano transcendental. (Durkheim, 1987, p. 272). Na sociedade atual, a individualidade ganha lastro no modo como a sociedade se organiza e funciona e nos valores que a justificam e legitimam.

Durkheim fundamenta esta compreensão já em **Da Divisão do Trabalho Social**, onde sua preocupação é justamente o indivíduo, em particular sua relação com a sociedade. Em linhas gerais, ele explica que o aprofundamento da divisão do trabalho, originando realidades diversas no interior da vida social, permitiu surgirem espaços para o desenvolvimento da individualidade, pois atenua o peso da sociedade e incrementa a personalidade de cada um. Ora, a realidade econômica moderna potencializa essa possibilidade, já que diversifica a sociedade.

Portanto, segundo Durkheim,

Caminha-se assim, pouco a pouco para um estado, que hoje quase se atingiu, e onde os membros de um mesmo grupo social não terão mais nada em comum entre eles senão a sua qualidade de homens e os atributos da pessoa humana em geral. (Durkheim, 1987, p. 271).

Este processo de individuação foi, com suas determinações históricas, revestido de valores, ideais e concepções sem os quais a modernidade seria impensável. Durkheim salienta que desde os iluministas, como Rousseau e Kant, passando por Hegel e chegando até Marx, podemos encontrar uma preocupação constante com essa questão, o que originou a Declaração dos Direitos do Homem.

A partir de sua concepção histórica, é possível verificar como Durkheim faz uma crítica à economia política, ao contrário do que afirma Löwy.

A princípio, Durkheim reconhece a contribuição da economia política na constituição das ciências sociais, pois defendeu que a sociedade tem dinâmica própria, objetividade e, conseqüentemente, tornou possível “reconhecer que os fenômenos sociais são acessíveis à investigação científica”. (Durkheim, 1987, p. 83). Contudo, ele a critica por centralizar o discurso no indivíduo (Durkheim, 1987, p. 84) e desconsiderar a necessidade da economia ser regulada.

Para Durkheim, esta ênfase no indivíduo em detrimento do coletivo apresentava um componente político-prático muito preocupante. A hegemonia liberal, a idolatria do indivíduo, pelo menos na França (Durkheim, 1975a, p 268), era real e tinha sérias conseqüências.

Esta hegemonia, segundo Durkheim, expressava um sintoma: economia desregulamentada. Ela, mesmo não sendo a causa, legitimava este estado de coisa. As conseqüências eram danosas. A apologia dos interesses individuais contribuía para a ocorrência do suicídio egoísta. Por sua vez, a ausência de regras na economia implicava na deterioração da divisão de trabalho, nas crises comerciais e industriais, etc.

Estes fatos produzidos na dinâmica da economia não eram encarados como problema pelos economistas. Na análise de Durkheim, isso ocorria porque eles perdiam de vista a sociedade como um todo. Antes de tudo, suas reflexões dirigiam-se para a satisfação das necessidades do indivíduo. A sociedade, portanto, era transformada em “um ser de razão, uma entidade metafísica que o pensador pode e deve negligenciar.” (Durkheim, 1975a, p. 271).

Durkheim criticava tal concepção; o homem e a sociedade que concebiam os economistas eram “puras imaginações que não correspondiam a nada nas coisas”. (Durkheim, 1975a, p. 272); antes que os indivíduos pudessem usufruir ou buscar alcançar benefícios materiais, era necessário a sociedade existir. Aliás, como defendia, “quer se queira ou não, quer sejam um bem ou um mal, as sociedades existem. É no seio das sociedades constituídas que a atividade econômica se manifesta”. (Durkheim, 1987, p. 208).

3. DURKHEIM NA OBRA DE FLORESTAN

Como explicar que, no Brasil, a sociologia de Durkheim e suas concepções foram tratadas de modo que redundaram no estabelecimento de uma compreensão muitas vezes oposta à visão do autor?

A resposta talvez se encontre em Florestan, pois este influenciou os autores acima mencionados – sendo professor de alguns – e foi o principal artífice de nossa sociologia contemporânea. Na verdade, no Brasil, o atual padrão do trabalho sociológico foi desenvolvido e consolidado por Florestan, no âmbito de sua própria obra e na orientação e formação dos seus alunos e assistentes. Esta influência, tudo indica, não se circunscreveu ao modo de produzir um conhecimento propriamente sociológico, ela também parece ter propagado concepções teóricas.

Em relação a Durkheim, em particular, parece haver dois momentos na obra de Florestan. No primeiro, o sociólogo francês é tomado algumas vezes como referência, não sendo incomum o uso de ideias e conceitos formulados por ele. Neste momento, as críticas restringem-se aos alcances da

sociologia durkheimiana. No segundo, a partir da última metade da década de 1950², em muitas ocasiões, as críticas modificam-se: elas são revestidas de conotações políticas e ideológicas; as posições deste momento são semelhantes aquelas de Martins (1992) e Löwy (1987).

Este segundo momento talvez possa ser explicado pelo primeiro, quer porque a recepção inicial priorizou determinados elementos em detrimento de outros, quer porque ela se fez sob um viés teórico que dificultou uma compreensão mais precisa da sociologia de Durkheim. Independentemente, o que se fixou e repercutiu na sociologia brasileira foi a compreensão de que sua sociologia é mantenedora e legitimadora do *status quo*.

3.1. Florestan e a Atual Compreensão da Sociologia Durkheimiana

Ao longo dos sessenta anos que se seguiram à publicação d'**As Regras do Método Sociológico** esta interpretação era desconhecida no Brasil. Do final do século XIX e início do seguinte, quando Paulo Egydio divulgava Durkheim em seus cursos na Faculdade de Direito de São Paulo e por meio de seu livro **Estudo de Sociologia Criminal. Do conceito geral do crime segundo método contemporâneo. A propósito da teoria de E. Durkheim**, de 1900, passando por Fenando de Azevedo, que conhece a sociologia durkheimiana em 1917, e inspirado nela participa dos debates sobre a educação na década de 20 e publica, em 1935, **Princípios de Sociologia**, bem como sob seus auspícios são publicados **As Regras do Método Sociológico**, em 1937, e **Educação e Sociologia**, em 1938, até às primeiras obras de Florestan, em fins dos anos 40 início dos 50, não encontramos avaliações políticas e ideológicas de Durkheim. Entretanto, em seguida, inicia-se uma modificação.

No estudo que Florestan desenvolveu na segunda metade da década de 1950 sobre a Sociologia Aplicada, ele destaca a importância de Durkheim. Assim como os organicistas, que foram além do academicismo alemão e do utilitarismo anglo-americano, Durkheim contribuiu nesse avanço porque distinguiu o normal do patológico; isto fez sua Sociologia Aplicada restringir-se ao estudo de “comportamentos coletivos de plena eficácia social”, à recorrência da vida cotidiana, etc. Mesmo negligenciando a “correção de efeitos patológicos que afetam apenas o grau de ajustamento dos indivíduos às situações sociais de existência”, Durkheim chamou atenção dos “cuidados que os sociólogos precisam tomar quando investigam fases de transição social”. (Florestan, 1960, pp. 104/105)³. Contudo, ele afirma que

...Suas reflexões de teor prático, contidas em obras como *Da Divisão do Trabalho Social*, *O Suicídio* e principalmente *Lições de Sociologia*, voltam-se para questões relacionadas com o que se poderia chamar de “desenvolvimento normal” das modernas sociedades industriais, com vistas para a preservação dos princípios organizatórios consagrados pela ordem social existente. (Florestan, 1960, p. 105).

Inequivocamente, admite-se que a sociologia durkheimiana não é alheia à prática, pois visa fazer presente o conhecimento científico na dinâmica da sociedade. Todavia, para Florestan, ela não objetiva transformar, mas garantir os ‘princípios organizatórios’ que dão sustentação à realidade vigente. Interpretação que Giddens recusa, pois analisa aquela distinção como um instrumento capaz de apontar “a tendência imanente do desenvolvimento social”. (Giddens, p. 327). Já Renato Ortiz interpreta como uma estratégia para afirmar a especificidade da vida social, sua regularidade, distinguir o fenômeno coletivo do individual e, com isso, consolidar a sociologia definindo o seu objeto. (Ortiz, 1989, p. 12).

É fato que estas reflexões obtiveram informações sobre Durkheim reveladas recentemente, o que as favorecem frente a Florestan. Porém, mesmo quando disponível uma bibliografia mais esclarecedora⁴, este não modificou sua interpretação. Em 1980, por exemplo, Florestan afirma:

Ao absorver os pressupostos da “lógica da dominação”, a sociologia empobrece os seus alvos empíricos, teóricos e práticos. O paradigma desse circuito encontra-se, idealmente, na questão da eficácia de uma dada civilização, tal como a questão vem proposta por Durkheim. Pretende-se “ir ao fundo das potencialidades de uma dada civilização” – não derrubá-la, substituí-la por outra, sequer desentranhar as forças criativas travadas. (Florestan, 1980a, p. 30).

Noutras palavras, como conclui Florestan, no contexto do capitalismo do século XIX, a sociologia de Durkheim tinha por objetivo “preservar e fortalecer as posições dominantes ou reforçar o controle do poder...”.

3.2. Durkheim nos primeiros textos de Florestan

A obra de Florestan constituiu um marco da sociologia brasileira. Concomitantemente contribuiu para sua institucionalização e delimitou seu campo de estudo. Tanto sua produção sociológica ocorreu no interior da universidade, quanto o modo como abordou os objetos estudados, fundamentados em métodos e pesquisas, romperam com a tradição ensaísta e os folcloristas. Por isso, Arruda afirma: "nenhum dos seus contemporâneos identificou-se, como ele, com a missão de edificar as bases científicas da sociologia no Brasil. Por esta razão, a imagem do sociólogo brasileiro, hoje difundida, inspirou-se largamente na sua trajetória pessoal e institucional". (Arruda, 2010, p. 11).

Para assim ser considerado, Florestan passou por todo um processo de aprendizagem e qualificação. Além do esforço pessoal, em razão das dificuldades de sua origem social, aquele processo ocorreu no interior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (USP), e da Escola Livre de Sociologia e Política. Foi neste meio que Florestan se fez cientista social.

No caso da USP, os professores franceses foram fundamentais na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em princípio, poder-se-ia supor que este meio teria sido favorável ao contato de Florestan com a obra de Durkheim.

Entretanto, o que indicam nossas pesquisas preliminares, as coisas ocorreram de modo mais complexo; se a presença de professores franceses propiciou o contato de Florestan com Durkheim, ao mesmo tempo eles pareciam não muito afeitos às obras desse. Assim, por exemplo, a presença de Lévi-Strauss nos primeiros anos do Curso de Ciências Sociais da USP, a duradoura e ativa participação de Roger Bastide nesse e a tardia passagem de Georges Gurvitch pelo Brasil caracterizam-se pela recusa da sociologia durkheimiana. O primeiro, em **Tristes Trópicos**, afirma veementemente que chegou ao Brasil “em estado de insurreição aberta contra Durkheim”. (Lévi-Strauss, 2009, p. 57). Apesar de reconhecer posteriormente a contribuição de Durkheim para a antropologia, a posição de **Tristes Trópicos** foi reiterada em **De longe e de Perto**, em 1988. Neste livro-entrevista, ele declara:

fui para o Brasil porque queria ser etnólogo. E eu tinha sido conquistado pela etnologia em rebelião contra Durkheim, que não era um homem de campo, ao passo que eu descobria a etnologia de campo através dos ingleses e americanos. (Lévi-Staruss & Eribon, 1990, p. 31).

Já Roger Bastide, que desde sua formação esteve mais próximo de René Worns e em oposição a Durkheim, sempre foi crítico de seu método e de sua explicação sociológica da religião. Segundo Fernanda Massi, o único próximo a Durkheim foi Paul Arbousse-Bastide. (Massi, 1989, p. 432). Em síntese, paradoxalmente, a influência francesa na USP parece não redundar numa estreita relação entre a sociologia brasileira e a de Durkheim. Antes, se tem impressão que foram criadas barreiras à compreensão da obra durkheimiana.

Na Escola de Sociologia, ao contrário da formação mais teórica que teve na USP, Florestan vivenciou um ambiente que valorizava a pesquisa empírica. Neste contexto, tudo leva a crer que a relação de Florestan com Durkheim ocorreu noutra plano e a partir de uma interpretação singular.

Foi na Escola de Sociologia, de sobeja influência anglo-saxã, que Florestan conheceu a pesquisa sociológica⁵. Esta foi sedimentada "sob o impulso dos sociólogos americanos Horace Davis e Samuel Lowrie, substituídos mais tarde por Donald Pierson, sem falar que, durante alguns anos, ensinou nela Radcliffe-Brown, que teve larga influência no sentido da orientação funcionalista". (Cândido, 2009, p. 211). Este funcionalismo, que no Brasil tornou-se sinônimo da sociologia de Durkheim, influenciou os primeiros trabalhos de Florestan. O livro **A Organização Social dos Tupinambá**, escrito no mestrado, em 1947, é "um estudo de reconstituição histórica feita segundo uma tendência funcionalista, na qual foi estimulado por seus mestres Herbert Baldus e Emílio Willems". (Cândido, 2009, p. 212).

Esta influência de Durkheim, via Escola de Sociologia, é possível identificar no uso de conceitos e concepções que estruturam as obras iniciais de Florestan. Assim, nos trabalhos preparatórios para a elaboração da tese de doutorado, além de Durkheim e seus colaboradores, ele ressalta que emprega "o termo eunomia no sentido conceitual definido por A. R. Radcliffe-Brown". (Florestan, 1949b, p. 30). Daí resultará a tese **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**, com qual doutorou-se em Ciências Sociais, pela USP, em 1951.

Entretanto, Durkheim não foi tomado somente como referencial teórico em suas pesquisas. Florestan também tratou a obra de Durkheim como objeto de investigação, particularmente quando elaborou estudos teóricos.

Em **O Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia**, de 1953, a sociologia durkheimiana é estudada. Em oposição ao organicismo, em particular ao spenceriano, a contribuição de Durkheim é apresentada como "a primeira formulação adequada dos fenômenos de função e da utilização da explicação funcionalista na sociologia". (Florestan, 1967, p. 190). Noutras palavras: sua obra representa uma ruptura e é a principal referência do funcionalismo.

Malgrado ter contribuído para o entendimento de que Durkheim foi quem tornou viável a interpretação funcionalista e, conseqüentemente, a identificação dele como um autor funcionalista,⁶ Florestan busca na livre-docência expor objetivamente esta teoria do autor francês. Ele enfatiza os pontos positivos, pois fizeram avançar a análise sociológica, e os limites do funcionalismo durkheimiano. Dentre os positivos, Florestan ressalta a "preocupação sistemática de isolar e fundamentar, logicamente, os princípios da explicação sociológica, a partir dos quais são discutidos os demais problemas da indução causal e da indução funcional na sociologia". (Florestan, 1967, p. 195). Além deste, os outros pontos positivos são: a interpretação durkheimiana "representou o primeiro passo decisivo na conceituação sociológica de *função social* e na fundamentação da *interpretação funcionalista* dos fenômenos sociais." (Florestan, 1967, p. 195). Por outro lado, Florestan aponta quatro problemas. A primeira refere-se à separação entre "análise das causas" e "análise das funções". (Florestan, 1967, p. 197). A segunda ressalta o desprezo de Durkheim à aplicação do método nas investigações particulares. (Florestan, 1967, p. 197). A terceira expressava-se no fato dele não avaliar o quão complexo é a determinação das funções. Por fim, Florestan pondera que Durkheim atribui à análise funcionalista uma "importância secundária", pois possuía "uma compreensão muito parcial e imperfeita das possibilidades de exploração do referido método com fins explicativos". (Florestan, 1967, p. 198).

Na Cadeira de Sociologia I, Florestan desenvolve estudos sobre os fundamentos teóricos da sociologia. Logo depois da livre-docência, ele publica **Apontamentos Sobre os Problemas da Indução na Sociologia**. O texto⁷ busca esclarecer como a sociologia superou a dificuldade de produzir um conhecimento científico valendo-se da indução. Principiado pela discussão sobre a especificidade da sociologia e como este aspecto relaciona-se com os problemas que envolvem o uso desse recurso metodológico, o estudo de Florestan tentou demonstrar e avaliar as soluções encontradas por Durkheim, Weber e Marx. (Florestan, 1967, p. 70).

Inicialmente, contrastando com a filosofia, Florestan ressalta a marca distintiva da sociologia, por ser uma ciência positiva, que exige trabalhar com dados empíricos, pesquisando e interpretando-os.

Em seguida, discute os problemas do uso da indução na sociologia.

Estabelecido este pano de fundo, Florestan passa a discutir de que modo os principais teóricos da sociologia abordaram e resolveram os problemas da indução na produção do conhecimento. A escolha de Durkheim como ponto de partida não é arbitrária. Ela justifica-se porque ele é considerado "o principal representante, na sociologia moderna, da orientação empírico-indutiva na sociologia". (Florestan, 1967, p. 70).

Para isso, segundo Florestan, Durkheim absorveu e fez convergir a contribuição dos filósofos empiristas, a exemplo de Bacon e Stuart Mill, com a racionalista, que principalmente encontrava-se em Descartes. Assim, concomitantemente, Durkheim "confiava na razão dentro dos limites da experiência e acreditava na experiência segundo as regras da razão". (Florestan, 1967, pp. 70/71). Isto lhe permitiu solucionar as contradições que grassavam no campo da filosofia das ciências e superar o impasse que existia na concepção metodológica de Comte. Este, mesmo defendendo a importância da indução por meio da observação, subordinava esta à existência de uma teoria e, por outro lado, condicionava a formulação teórica à observação dos fatos. Durkheim superou esta circularidade quando

deslocou o problema para o terreno estritamente formal, único em que ele poderia ser estabelecido em uma ciência em plena formação. Uma observação bem feita em geral deve muito a uma teoria constituída, mas ela não é o produto necessário dos conhecimentos já obtidos. Ao contrario, representa a via inevitável para a consecução destes. Daí a conclusão lógica: os sociólogos se beneficiarão das teorias à medida que a investigação sociológica progredir. (Florestan, 1967, p. 72).

Para Florestan, este procedimento tornou viável o efetivo uso da indução no estudo da sociedade, como n'**As Regras do Método Sociológico**; aí, desde a definição do fato social até sua conclusão, há uma meticulosa apresentação dos aspectos e procedimentos exigidos pela indução na produção do conhecimento. Não só. Florestan mostra que as *Regras relativas à observação dos fatos sociais* decorrem das próprias características do fato social. (Florestan, 1967, p. 76).

Nos capítulos subsequentes, Durkheim sistematizou os aspectos relativos à construção da inferência indutiva na sociologia. Dentre esses aspectos, ele estabelece a localização da dedução: para não restringir-se à formulação de hipóteses, ela deve vir sempre em segundo lugar, precedida pelo empírico-indutivo. (Florestan, 1967, p. 77). Outro ponto trabalhado por Durkheim é a técnica da inferência indutiva na sociologia. Este aspecto trata da passagem do mais particular para o mais geral, permitindo as interpretações causais e funcionais. Para Florestan, nessa técnica encontram-se três contribuições da sociologia durkheimiana: o modo de *selecionar a base empírica* a ser estudada; a *formação da inferência indutiva* e a *verificação da inferência indutiva*. (Florestan, 1967, p. 83).

Esta importância atribuída a Durkheim, o recurso de recorrer ao autor em estudos posteriores, etc., foram escasseando em Florestan, a partir da segunda metade da década de 1950. Poder-se-ia citar como contra-argumento as obras **A Integração do Negro na Sociedade de Classe**, de 1964, pois a arquitetura da obra e alguns conceitos utilizados tem Durkheim como fonte, e **A Revolução Burguesa no Brasil**, de 1975, pois que, segundo Cohn, nesta obra "há passagens que são puro Durkheim" e por meio dele são respondidas questões weberianas "relativas à constituição de certos agentes sociais no contexto brasileiro". (Cohn, 1987, pp. 51/52). Mesmo no atual estágio da pesquisa, é possível, se não contestar absolutamente esses argumentos, pelo menos mitigar a aparente força que possam possuir. No que se refere à primeira obra, é importante não esquecer que nela Florestan retoma uma pesquisa feita com Roger Bastide, entre 1949 e 1951, sob a chancela da UNESCO. Já as afirmações de Gabriel Cohn parecem não encontrar amparo em **A Revolução Burguesa no Brasil**. De fato, nesta obra são citados

passagens e livros de Max Weber; em contrapartida, Durkheim não é citado uma única vez ao longo do texto e só tem um livro indicado na bibliografia.

Contudo, independente da frequência em que aparece nas últimas obras, verificamos que a vertente sociológica inaugurada por Durkheim esteve muito presente na formação de Florestan. Ressalte-se também como o primeiro é citado e tratado nos textos desse último: não há qualquer preocupação, menção ou crítica que tivesse como alvo o aspecto político e ideológico. Em geral, era relevada nos termos de inquestionável e prestimosa a contribuição do sociólogo francês à constituição e consolidação da sociologia.

Notas

1 Interessante notar que Löwy critica Durkheim confrontando-o com o sindicalista revolucionário Lagardelle. Porém, nada menciona que o esquerdismo desse sindicalista não o impediu de assumir, quando da ocupação nazista, o Ministério do Trabalho do Governo de Vichy.

2 Henrique Cardoso indica que "nos meados dos anos 50, Florestan começou um novo momento de percurso intelectual, que durou muito tempo e foi marcante". (Cardoso, 1987, p. 27). Nesta mesma linha, Antonio Cândido afirma que "o Florestan dos anos 50 é o que começa a se apaixonar pela aplicação do saber ao mundo, porque, tendo já os instrumentos na mão, se dedica a aplicá-los para compreender os problemas do mundo". (Cândido, 1987, p. 33).

3 Título do texto: *A sociologia aplicada: seu campo, objeto e principais problemas*. Originalmente, o texto foi publicado na revista **Sociologia**, entre 1958 e 1959.

4 Data de 1973 a biografia escrita por Steven Lukes, **Émile Durkheim: Vida e Obra**, e de 1975 os inéditos textos durkheimianos, coligidos e organizados por Victor Karady, publicados em três tomos sob o título de **Textes**.

5 Para Arruda e Garcia, "seguindo as orientações científicas e profissionalizantes desenvolvidas pela Escola de Chicago, especialmente identificadas por Pierson à figura de seu professor orientador Robert Park, ele tinha por objetivo fundamental organizar a formação de sociólogos profissionais, intensamente treinados em métodos e técnicas de pesquisa, sob a orientação de especialistas experientes". (Arruda & Garcia, 2003, p. 36).

6 Este termo é incomum ao universo sociológico da França. Não por acaso, pois, embora o conceito de função esteja pontualmente presente em alguns textos e capítulos de alguns livros Durkheim nunca teve a pretensão de desenvolver a partir daí uma teoria. Essa escassa utilização do conceito não impediu que ele servisse de inspiração para que Malinowski e Radcliffe-Brown formulassem uma teoria funcionalista que, visando combater o evolucionismo antropológico, priorizava o estudo de instituições em relação às totalidades sociais. Posteriormente, agregando o conceito de estrutura, Talcott Parsons tornou o funcionalismo, segundo avaliação de Giddens, "a principal corrente de teoria social no âmbito da sociologia norte-americana". (Giddens, 2001, p. 118).

7 O texto recebe o seguinte título: *Os problemas da indução na sociologia*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Arruda, M. A. do N. (2010). A sociologia de Florestan Fernandes. *Tempo Social*, vol. 22, nº 1, 9-22.
- Arruda, M. A. & Garcia, S. G. (2003). *Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna*, Brasília, DF, Brasil: Paralelo 15.
- Azevedo, F. (1971). *História de minha vida*. Rio de Janeiro, Brasil: José Olympio.
- _____. (1935) *Princípios de sociologia*. São Paulo, Brasil: Cia. Editora Nacional.
- Bastide, R. (1987). In M. I. P. Queiroz (Ed.). *Grandes Cientistas Sociais*, nº 37, São Paulo, Brasil: Ática.
- Bastide, R. & Fernandes, F. (2008). *Branços e negros em São Paulo* (4ª Ed.). São Paulo, Brasil: Global.
- Cândido, A. (1987) A amizade com Florestan. In M. A. D'Incao (Ed.). *O saber militante (ensaios sobre Florestan Fernandes)*, Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.
- _____. (2009). Homenagem a Florestan Fernandes. In I. Kantor, D. A. Maciel & J. A. Simões (Eds.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953, depoimentos* (2ª Ed). São Paulo, Brasil: Sociologia e Política.
- Cardoso, F. H. (1987) *A paixão pelo saber*. In M. A. D'Incao (Ed.). Op. cit.

- Cohn, G. (1986). Padrões e dilemas: o pensamento de Florestan Fernandes. In R. Moraes, R. Antunes & V. B. Ferrante. (Eds.). *Inteligência brasileira*, São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- _____. (1987). O ecletismo bem temperado. In M. A. D'Incao (Ed.) Op. cit.
- Durkheim, E. (1967). *De la division du travail social*, (8^o Ed). Paris, France: PUF.
- _____. (1975a). *La science positive de la morale en Allemagne*. In *Textes I: éléments d'une théorie sociale*, Paris, France: Les Editions Minuit.
- _____. (1999). *La politique de demain*. In *Durkheimian Studies* (vol. 5) (pp 1-12) .
- _____. (1987). *La science sociale et l'action*. (2^o Ed). Paris, France: PUF.
- _____. (1997). *Leçons de sociologie*. (3^o Ed.). Paris, France: Quadriage/PUF.
- _____. (1992). *Le socialisme*. Paris, France: Quadriage/PUF.
- _____. (1963). *Les règles de la méthode sociologique*. (15^o Ed.). Paris, France: PUF.
- _____. (2002). *Sociologie et philosophie*. (2^o Ed.). Paris, France: Quadriage/PUF.
- _____. (1975b). *Textes II: religion, morale, anomia*. Paris, France: Les Editions de Minuit.
- Egydio, P. (1941). *Estudo de sociologia criminal. Do conceito geral do crime segundo methodo contemporaneo (A proposito da teoria de E. Durkheim)*. (2^a Ed.). São Paulo, Brasil: Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes".
- Fauconnet, P. (1999). L'oeuvre pédagogique de Durkheim. In Durkheim, E. *Education et sociologie*. (7^o Ed.). Paris, France: Quadriage/PUF.
- Fernandes, F. (1949). A análise funcionalista da guerra: possibilidades de aplicação à sociedade Tupinambá. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. III, 1-109.
- _____. (1978). *A Condição de Sociólogo*. São Paulo, Brasil: Hucitec.
- _____. (1949). A economia tupinambá. *Separata da Revista do Arquivo*, nº CXXII, 5-86.
- _____. (2006). *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. (3^a Ed.). São Paulo, Brasil: Globo.
- _____. (2008). *A Integração do negro na sociedade de classes (o legado da "raça branca")*. Vol. 1. (5^a Ed.). São Paulo, Brasil: Globo.
- _____. (2008). *A integração do negro na sociedade de classes (no limiar de uma nova era)*. Vol. 2. (5^a Ed.). São Paulo, Brasil: Globo.
- _____. (1980). *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo, Brasil: Editora Ática.
- _____. (1979). *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. (2^a Ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- _____. (1980). *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. (2^a Ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- _____. (1967). *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. (2^a Ed.). São Paulo, Brasil: Editora Nacional.
- _____. (1959). *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo, Brasil: Livraria Pioneira.
- Filloux, J-C. (1987). Introduction. In Durkheim, E. *La science sociale et l'action*, op. cit.
- Garcia, S. G. (2002). *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*, São Paulo, Brasil: Editora 34.
- Giddens, A. (1980) O positivismo e seus críticos. In Bottomore, T. & Nisbet, R. (Eds.) *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar Editores.
- Ianni, O. (1996) A sociologia de Florestan Fernandes. In *Estudos avançados*. 10 (26), 25-33.
- _____. (1987). Sociologia crítica. In M. A. D'Incao (Ed.) Op. cit.
- Lepénies, W. (1990). *Les trois cultures*. Paris, France: Ed. De la Maison des Sciences de L'homme.
- Lévi-Strauss, C. (2009). *Tristes trópicos*. São Paulo, Brasil: Cia. Das Letras.
- Lévi-Strauss, C. & Eribon, D. (1990). *De longe e de perto*. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira.
- Löwy, M. (1987). *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo, Brasil: Busca a Vida.
- Lukes, S. (1984). *Émile Durkheim, su vida y su obra*, Madrid, España: Siglo Veintiuno.

- Martins, J. S. (1992). Introdução. In Foracchi, M. MARTINS, J. S. (Eds.). *Sociologia e Sociedade (Leituras de introdução à sociologia)*. (14ª Ed.). Rio de Janeiro, Brasil: LTC.
- Massi, F. (1989). Franceses e norte-americanos nas ciências sociais Brasileiras (1930-1960). In Miceli, S. (Ed.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. (Vol. 1). São Paulo, Brasil: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP.
- Ortiz, R. (1989). Durkheim: arquiteto e herói fundador. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.11 (4), 5-21.
- Peixoto, F. A. (2000). *Diálogos Brasileiros: Uma Análise da Obra de Roger Bastide*, São Paulo, Brasil: EDUSP.
- Prades, J. A. (1997). Durkheim. (3ª Ed.). Paris, France: PUF.
- Rodrigues, J. A. Introdução: a sociologia de Durkheim. In Rodrigues, J. A. (Ed.). *Émile Durkheim*. (9ª Ed.). São Paulo, Brasil: Ática.